Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial

Faith in times of war: The religious experience of Portuguese fighters in World War I

La foi en temps de guerre: L'expérience religieuse des combattants portugais durant la première guerre mondiale

La fe en tiempos de guerra: La experiencia religiosa de los soldados portugueses en la Primera Guerra Mundial

Luís Miguel Silva
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
luismiguelsmpd@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender as experiências religiosas vividas pelos militares portuguesas durante a Grande Guerra nos três teatros de operações em que as forças nacionais combateram: sul de Angola, norte de Moçambique e Flandres. Como fontes de investigação foram usadas as memórias, diários e crónicas de guerra. Tentámos analisar a vivência religiosa coletiva e individual e a forma como foi evoluindo ao longo da guerra. Explorámos as razões que levaram ao seu florescimento e os fenómenos que lhe deram relevância.
Palavras-chave: Grande Guerra, I República, religiosidade, Cristo das Trincheiras

Abstract: This article aims to understand the religious experiences of the Portuguese military during the Great War in the three theaters of operations where the Portuguese forces fought: southern Angola, northern Mozambique and Flanders. Memories, diaries and chronicles of war were used as sources of investigation. We tried to analyze the collective and individual religious experience and the way in which it evolved during the war. We explored the reasons that led to its flowering and the phenomena that gave it relevance.
Keywords: Great War, I Republic, religiosity, Christ of the Trenches

Résumée: Cet article vise à comprendre les expériences religieuses de l'armée portugaise pendant la Grande Guerre dans les trois théâtres d'opérations où les forces portugaises se sont battus: le sud de l'Angola, le nord du Mozambique et de la Flandre. Mémoires, journaux intimes et chroniques de guerre ont été utilisés comme sources d'investigation. Nous essayons d'analyser la expérience religieuse collective et individuelle et la manière dont il a évolué au cours de la guerre. Nous explorons les raisons qui ont conduit à sa floraison et les phénomènes qui lui ont donné de la pertinence.
Mots-clés: Grande Guerre, I République, religiosité, Christ des Tranchées

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender las experiencias religiosas de los militares portugueses durante la Gran Guerra en los tres teatros de operaciones donde las fuerzas portuguesas luchaban: el sur de Angola, Mozambique y el norte de Flandes. Como fuentes de investigación se utilizaron las memorias, diarios y crónicas de guerra. Intentamos analizar la vivencia religiosa colectiva e individual y la forma en que fue evolucionando a lo largo de la guerra. Exploramos las razones que llevaron a su florecimiento y los fenómenos que le dieron relevancia.
Palabras clave: Gran Guerra, I República, religiosidad, Cristo de las Trincheras

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

Introdução

O estudo sobre a religiosidade dos portugueses na Grande Guerra que agora apresentamos é parte integrante de uma investigação maior apresentada como dissertação de mestrado na FLUP, em que tentámos contribuir para um maior esclarecimento do que constituiu a participação portuguesa na Guerra, no plano das vivências religiosas dos combatentes[1].

Sobre esta temática, alguns estudos como os de Isabel Pestana Marques (Marques, 2008) e Maria Lúcia de Brito Moura (Moura, 2010), forneceram-nos as linhas gerais que nos permitiram progredir na exploração deste tema. A primeira autora redefiniu os horizontes sobre a participação portuguesa na guerra ao estudar o dia-a-dia das tropas nos seus mais variados aspetos, entre eles a religiosidade. Por sua vez, a segunda investigadora, ao estudar a presença dos capelães portugueses em campanha e a assistência religiosa por eles prestada, deu-nos a conhecer de forma mais alargada o impacto da guerra religiosa vivida durante a Primeira República junto dos combatentes que partiram para o conflito.

Além destes contributos fundamentais, que trouxeram para o panorama historiográfico nacional alguma luz sobre a importância da vivência religiosa na guerra, poucas são as obras recentes que exploram esta linha investigativa. Convictos de que muito mais haveria a explorar, optámos por seguir esse rumo, embora procurando olhar para a questão religiosa na guerra de um ângulo diferente do já experimentado pelas investigadoras apresentadas.

Sendo nossa intenção estudar este fenómeno à luz dos relatos dos combatentes, optámos por escolher as memórias, os diários e as crónicas de guerra como fontes de investigação uma vez que nos permitem responder à problemática colocada neste artigo: como compreender os fenómenos e experiências religiosas que as guerras de África e da Flandres proporcionam aos combatentes portugueses? Quais as suas características e a sua importância na vida dos expedicionários?

Para além da vantagem de aproximação que estas obras permitem ao investigador relativamente aos episódios narrados, rapidamente nos apercebemos da riqueza de

[1] SILVA, Luís Miguel, (2018), *A religiosidade dos portugueses na Grande Guerra*, Dissertação de Mestrado em «História Contemporânea», Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

conteúdo em matéria religiosa em algumas delas. Contudo, há que ter em conta uma evidente discrepância entre as obras oriundas da Flandres e as de África. Nem todas foram usadas de forma equitativa. Para tal disparidade existe uma explicação. As fontes relativas á participação portuguesa na Flandres são muito mais ricas do ponto de vista da religiosidade do que as provenientes das expedições em terras de África. Para além deste fator existe um conjunto de obras que pela sua relevância em termos de relatos religiosos assumem ao longo do presente artigo um protagonismo ímpar. São os casos dos testemunhos de Augusto Casimiro, Vicente José da Silva, André Brun e Carlos Selvagem (os quais fazem parte do núcleo duro desta investigação). No seu conjunto a maioria das fontes (procuramos estudar todas as obras conhecidas), não sendo tão ricas do ponto de vista da religiosidade, aparecem esparsa e pontualmente.

Mas que religiosidade é essa a que procuramos nas memórias, diários e crónicas de guerra? A fé que aqui se procura estudar é a fé e a crença de raiz católica. Sabemos da existência de outras confissões religiosas dentro do CEP, mas não tiveram a mesma expressão junto dos combatentes. Neste sentido, optámos por orientar a nossa investigação para a análise das fontes mais abundantes com o predomínio da religiosidade cristã de índole católica, procurando estudá-la como religiosidade popular mas também como sensibilidade face ao divino.

Para tal seguimos uma metodologia diversificada de acordo com os três conjuntos de fontes: memórias, diários-memórias e cronicas. Esta escolha deveu-se ao facto de não estarmos perante um todo uniforme e linear. Cada fonte revelou-nos um mundo particular, com as suas dimensões e características e com um relevo emocional muito próprio. Em algumas tornou-se possível descer a uma profundidade – leia-se intimidade – capaz de nos fazer compreender a importância de determinadas experiências vividas pelos indivíduos durante a guerra. Esta abordagem tornou-se possível sobretudo em fontes memorialísticas próximas do relato diarístico em que os autores incorporam nas suas obras textos escritos durante o conflito como acontece com Augusto Casimiro e Vicente José da Silva.

Deste modo, ao procurarmos identificar e analisar as experiências e fenómenos religiosos vividos pelos combatentes tentamos apresentar uma nova perspetiva da religiosidade na Grande Guerra.

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

As primeiras referências à religiosidade

Em 1914, as grandes potências europeias precipitaram-se numa guerra de consequências trágicas. Para Portugal a data parece não ser muito significativa, se tivermos em conta que o país só entrou oficialmente no conflito em 1916. Mas será bem assim?

Esta é sem dúvida a versão mais conhecida. Esquecemo-nos, frequentemente, que, desde 1914, Portugal se mantinha em guerra com a Alemanha na fonteira sul de Angola. O célebre incidente de Naulila, o primeiro de vários confrontos entre tropas portuguesas e alemãs em África, ocorrido a 18 de dezembro desse ano, terminou com a derrota das tropas portuguesas (Arrifes, 2004: 98). A partir daí, várias expedições militares foram enviadas para Angola. Inicialmente, com o objetivo de defenderem a fronteira sul face às ofensivas alemãs na região e, posteriormente, para recuperar os territórios sublevados, uma vez que os seus habitantes, aproveitando o vazio de poder após a derrota portuguesa, se revoltaram contra a ocupação colonial.

É nas memórias de Ferreira do Amaral, um dos militares que participou na expedição do general Pereira de Eça, destinada a submeter novamente toda aquela vasta região ao domínio português, que encontramos um dos primeiros relatos sobre a religiosidade dos militares portugueses e sobretudo sobre a ambivalência da questão religiosa na guerra.

Conta-nos este participante da campanha do Cuanhama (1915) que, por aquela altura, após três duros combates contra as forças sublevadas, a coluna militar, que esteve vários dias cercada e com falta de recursos, tinha conseguido restabelecer as ligações com a região de Humbe, uma ligação essencial, tendo em vista a retirada eminente das tropas portuguesas. A situação era de tal ordem que só não degenerou em mais um desastre para os portugueses porque uma outra coluna militar, a do Cuamato, chegou em socorro das tropas de Cuanhama.

Não é por acaso que o autor nos conta todas estas considerações. O seu propósito é revelar-nos uma convicção que formou durante esse período em que a morte e o desespero se tornaram realidades cada vez mais próximas dos homens que compunham a

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

expedição[2]. Talvez por isso, conclui Ferreira do Amaral "o Deus dos católicos, nesses dias, começou a aparecer, com relativa frequência, pelo quadrado das Chanas da Mongua" (Amaral, 1922: 54).

Amaral não é o único memorialista português a ter formado a convicção de que «o Deus dos católicos» começou a aparecer na guerra. As memórias de Vicente José da Silva, expedicionário na Flandres, revelam-nos alguns indicadores que apontam no mesmo sentido. No seu relato de viagem com destino a França encontramos os primeiros apontamentos de uma religiosidade de cariz popular, bem como a única referência em todas as obras que analisámos à celebração de uma missa a bordo. É a este último acontecimento, o da eucaristia, que o autor dá mais destaque: "Oh! O encanto místico de uma missa a bordo! É qualquer coisa de inédito que se sente, mas não se pode definir", para depois perguntar: "Será que sentindo-se mais afastados do mundo nos encontramos mais perto de Deus?" (Silva, 1991: 21).

Estas perguntas devem ser entendidas como um ponto de partida. A guerra acabaria por proporcionar a Vicente José da Silva muitas outras ocasiões de reflexão. À medida que o autor marchava pelas estradas francesas em direção à frente de combate, não pôde deixar de observar os cemitérios que ladeavam as estradas, as capelas arruinadas com imagens de santos e santas e os grandes crucifixos à entrada das trincheiras, alguns deles intactos entre os escombros provocados pelos bombardeamentos. Sobre estes fenómenos o jovem oficial escreveu uma carta ao seu pai onde se interrogava: "Por que será que na França a fé tem renascido e a religiosidade é cada vez maior?" (Silva, 1991: 54). Teriam os dois memorialistas razão? Que religiosidade foi essa a que emergiu da guerra? Tentemos, pois, responder a estas questões.

Espaços e experiências: Cristo e a Nossa Senhora nas Trincheiras

Em França, à medida que as tropas portuguesas iam chegando, foram sendo encaminhadas para campos de treino. Foi só a partir de abril de 1917 que os primeiros contingentes nacionais começaram a entrar nas trincheiras. Pelo caminho, alguns

[2] Prova disso é o relato sobre a «conversão» do «chauffeur», o livre-pensador de quem o autor ouvira «as mais soezes e bestiais referências a padres e irmãs da caridade, de mistura com afrontosas frases a respeito da religião católica», e que, duas semanas após ter entrado na zona inimiga, começou a tratar das campas dos seus camaradas mortos em combate com um verdadeiro zelo e aparato religioso (Amaral, 1923: 56).

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

combatentes foram-se apercebendo dos efeitos que a guerra tinha vindo a provocar naquele país. O autor que experimentou a missa a bordo do navio é um dos que nos conta mais pormenorizadamente o que observou e pensou sobre essa nação em ruínas, que foi encontrando à medida que se aproximava da zona de guerra. Primeiro, terá enviado uma carta[3] ao seu pai onde mencionava, espantado, uma pequena capela erigida ao Sagrado Coração de Jesus. Uma capela em ruínas, onde os soldados iam devotamente acender velas e orar. A esta carta seguiu-se, mais tarde, uma outra não menos importante, em que José Vicente da Silva expôs o estranho caso de um crucifixo com uma granada não rebentada na zona inferior da cruz, tendo em seu redor tudo destruído. Foi nesta carta que o autor se questionou "por que será que na França a fé tem renascido e a religiosidade é cada vez maior?", para, de seguida, afirmar: "Deus sabe bem o que faz. Quem sabe se Ele não mandou este flagelo para punir a humanidade dos seus erros, e também para fazer reviver a fé prestes a extinguir-se? A fé, a crença, são os maiores dotes que um homem pode possuir" (Silva, 1991: 54).

No entanto, este Cristo não foi o único a suscitar o seu interesse. Na verdade, existiam vários crucifixos espalhados pelas estradas que levavam à frente de combate. Um deles com uma inscrição bastante curiosa: "O CRUX, AVE, SPES UNICA (Eu te saúdo, ó cruz, única esperança)" (Silva, 1991:54).

Mas, se é certo que estas recordações nos permitem conhecer a existência do fenómeno do Cristo das Trincheiras e o seu impacto no pensamento deste autor, devemos concordar que muito pouco nos dizem sobre a experiência religiosa do CEP. Limitemo-nos, pois, a guardar como ponto de referência fenómenos como os Cristos das Trincheiras e as experiências da assistência a atos de culto. Será que podemos encontrar relatos sobre estas realidades nas outras memórias? Que impacto terão tido em outros protagonistas?

A existência de crucifixos perto da frente de combate é praticamente evidenciada por todos os memorialistas. O famoso Cristo de Neuve-Chapelle é referido pelo menos por sete autores. Os mais crentes recordam o simbolismo da imagem intacta entre as ruínas, as reflexões que ela suscitou, os momentos em que a seus pés rezaram. Os menos crentes, ou descrentes, por sua vez, evidenciam-no nas descrições da paisagem, ou nos

[3] Alguns autores como José Vicente da Silva e Augusto Casimiro incorporaram nas suas memórias algumas cartas e textos de diários escritos durante a guerra.

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

momentos em que viram camaradas seus a orar junto dele. Não interessa apresentar aqui as palavras de cada um deles. Mas vale a pena expor os relatos que nos ajudam a compreender o impacto deste fenómeno e de que forma se relaciona com outras manifestações de religiosidade e com a fé dos combatentes.

Desde princípios de abril de 1917 e nos meses que se seguiram foram chegando sucessivamente batalhões portugueses à linha da frente com o objetivo de ocupar o setor de Neuve-Chapelle. Muitos dos homens que marchavam pelas estradas da Flandres viram o mesmo que José Vicente da Silva. Outros, porém, não o viram, ou melhor, tendo provavelmente passado pelos mesmos fenómenos, não os viram com os mesmos olhos ou, mesmo, passaram-lhes ao lado com indiferença. O modo como o crente Augusto Casimiro se recorda de ver as tropas por ele comandadas passarem indiferentes em frente ao Cristo das Trincheiras é a este respeito bastante revelador: "Eu evoco, neste momento, aquele Calvário, frente ao cemitério enorme […] [Ali] estava um Cristo mutilado. […] Os meus homens passaram sob aquele olhar eterno. Muitos talvez não vissem o gesto formoso e divino. Mas viu-os Deus, a eles..." (Casimiro, 1918: 54-55). Essa atitude é reveladora a vários níveis: porque nos permite perceber quão relativa é a importância de um facto, sempre dependente de quem vê. Para Casimiro estava-se perante o Filho de Deus (ainda que um símbolo). Do Deus em que ele acreditava, a quem ele e a sua mãe pediam proteção todas as noites. Para outros, como Jaime Cortesão – um crítico do catolicismo pela sua influência nefasta no atraso de Portugal –, aquele crucifixo simbolizava "uma verdade indestrutível" (Cortesão, 71: 88). Opinião bem diferente tinha o escritor Pina de Morais daquelas cruzes onde via soldados depositar flores e a rezar devotamente. Para ele, tudo isso não passava de "uma truanice ridícula" (Morais, 1921: 67). Poderíamos dizer: é uma questão de fé, de perspetiva, de interesses ou até mesmo de ideologias.

Há, contudo, aqueles autores, cujo olhar atento não se deixa envolver (pelo menos é o que dão a crer) pela chama da fé ou pela ideologia do livre-pensamento[4]. É o caso do capitão, depois major, André Brun. Este oficial chegou com as suas tropas às linhas nos últimos dias de abril. Pouco depois, na terça-feira, 1 de maio, o capitão conta-nos como

[4] A expressão "livre-pensamento" aparece mencionada em alguns textos memorialísticos, em especial nas memórias de Ferreira do Amaral, onde o autor procura designar um conjunto de homens, quase sempre republicanos radicais, que ridicularizavam a crença religiosa e os crentes.

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

conheceu um seu camarada britânico e como este lhe deu a conhecer as trincheiras e a história da batalha que ali se travara dois anos antes (trata-se da Batalha de Neuve-Chapelle, ocorrida em 1915).

Como resultado desse encontro e do que Brun observou durante o percurso ao longo da zona de guerra, o capitão veio a escrever, algumas semanas mais tarde, a crónica *A Nossa Senhora das Trincheiras*, onde conta a história da destruição da pequena localidade de Neuve-Chapelle, com a imagem da Virgem Maria intacta no meio do campo de batalha, a quem os soldados portugueses iam devotamente oferecer «as simples flores de trincheira». Expomos um pequeno excerto desse mesmo texto:

> A seus pés, em latas de comestíveis vazias, em frascos de pickles abandonados, mãos rudes de soldados põem cada dia essas flores de trincheira. […] Por um singular acaso, poupam-na as granadas. Só o tempo, a chuva, a neve e o sol vão roendo os seus dourados. […] O seu sorriso de bondade […] vai desaparecendo da sua face carcomida, onde há salpicos de lama. Só fica o gesto protetor dos seus braços abertos estendendo-se sobre a campa do «unknown soldier», e também sobre nós, soldados desconhecidos da Grande Guerra (Brun, 1983: 68-69).

Medo, morte e sofrimento

Essa terça-feira, dia 1 de maio de 1917, constituiu para André Brun um marco importante. Após conversar com o oficial britânico e caminhar pela zona de guerra, André Brun teve a oportunidade de observar pela primeira vez um bombardeamento feito pelos alemães sobre as linhas aliadas. Foi a primeira vez que o capitão observou um bombardeamento do género. Um bombardeamento singular uma vez que os rebentamentos ocorrerem precisamente sobre o local que há pouco tinha percorrido. Foi também a primeira vez que os seus homens estiveram debaixo de fogo. Como se saíram eles naquele momento? Não temos nenhuma informação que nos permita afirmar que, no preciso momento em que Brun observava o sucedido, os seus subordinados estivessem a reagir fosse de que forma fosse. Há no entanto uma outra crónica do capitão Brun, relativa aos primeiros mortos do seu batalhão, curiosamente vítimas do primeiro bombardeamento sofrido nas trincheiras, a que devemos prestar atenção. A história da morte dos três soldados revela-se ao mesmo tempo caricata e trágica. Caricata porque esses três homens, em pleno bombardeamento, se refugiaram debaixo de um abrigo destinado a um cabo, o qual, por sua vez, aflito, protestou, tentando obrigá-los a

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

abandonar o posto. Ora, os três soldados, pouco habituados a obedecer a ordens, quanto mais naquelas circunstâncias, recusaram-se a abandonar o refúgio. A contenda terminou da pior forma, em tragédia. Um morteiro caiu sobre o dito abrigo não deixando ninguém para contar a história, a não ser o cabo que, por um feliz acaso, tinha ficado fora da porta, fator que decidiu a sua sobrevivência.

À tarde, os camaradas foram levar o que restava dos três mortos ao cemitério. É durante esse percurso, dessa vez pelas estradas ladeadas de ruínas e com pequenas cruzes de campas dispersas, que Brun medita como era mais fácil naquelas paragens ganhar a cruz de pau do que a cruz de guerra. Para logo de seguida observar: "não há canto destas estradas da Flandres onde se não eleve um calvário ou um modesto altar, à Senhora do Bom Socorro, à Senhora da Piedade…" (Brun, 1983: 75-76). Enquanto isso, os condutores das macas seguiam em silêncio. Alguns soldados portugueses de outro batalhão juntaram-se ao triste cortejo no momento em que, a pouca distância, uma bateria de artilharia portuguesa, escondida atrás de umas ruínas, fazia o seu fogo espaçado de regulação. Chegaram ao cemitério improvisado e o capelão iniciou a triste cerimónia (Brun, 1983: 75-79).

A morte de camaradas de armas foi, sem dúvida, uma experiência marcante para muitos combatentes. Daí estar presente em todas as memórias. Por isso, achamos oportunas as palavras de Jaime Cortesão: "Estão ali os camaradas de ontem […] com quem a gente falou e riu. […] Qual de vocês, rapazes, não teve os olhos rasos de água?! Qual de vocês, já longe, não sentiu a garganta ainda atada e não engoliu as lágrimas em silêncio?!" (Cortesão, 1971: 156).

É também pensando no choque da morte que podemos compreender as palavras de um alferes camarada de Pina de Morais: "Morre-se deitado a dormir, morre-se à mesa a jantar, a calçar as botas, a escrever, aqui de mãos nas algibeiras, de todas as maneiras menos a de combater! Quando se acende um cigarro, sabe lá a gente se o acaba de fumar" (Morais, 1919: 47).

Convenhamos que este militar exagerava, embora devamos ter em conta que esta é uma convicção muito presente em algumas memórias. De facto, a morte parecia pairar por todo o lado. No entender de Vicente José da Silva,

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

> O campo de batalha assemelha-se a uma necrópole imensa. Não obstante, no subsolo palpita a vida; o homem mexe-se e remexe-se como as toupeiras nas suas galerias subterrâneas. Mas a morte paira continuamente à superfície e vai, mesmo debaixo da terra ou aos seus esconderijos, ceifá-la inexoravelmente (Silva, 1991: 46).

Mas não era apenas na Flandres que a morte ia consciencializando os combatentes. Em África sucedia o mesmo. A acreditar no testemunho do médico expedicionário Pires de Lima, a morte dos portugueses no norte de Moçambique não se devia tanto à guerra propriamente dita, mas sobretudo às doenças e às difíceis condições de sobrevivência, à falta de assistência médica e à má preparação das tropas.

As longas e pesadas marchas pelo sertão africano, com residuais abastecimentos de água e alimentação, matou muitos portugueses à sede. Foi assim que faleceu, por exemplo, o Anselmo, um homem rude e simples, habituado às serras e grande amigo do memorialista Lapas de Gusmão. Mas foi também pela falta de condições e medicamentos que o jovem médico Pires de Lima viu morrerem muitos dos homens que entravam na enfermaria, não sendo raro ouvir as preces desses moribundos. Na verdade, as enfermarias e hospitais de campanha foram dos locais mais propícios a orações, mas, também, a outras reflexões, como nos conta António de Cértima, que, certo dia, terá ouvido da boca de um moribundo internado no hospital de Kionga as seguintes palavras: "Cristo não é mais do que eu: ambos dois morremos pelos outros" (Cértima, 1925: 3). As palavras deste soldado não deixam de ser interessantes, indo ao encontro de uma outra reflexão oportuna, desta vez do soldado Lapas de Gusmão, combatente no sul de Angola, que a determinada altura pergunta se a caminhada triste do Cristo com a cruz às costas para o calvário teria sido mais dolorosa do que a sua pelo sertão africano (Gusmão, 1935: 178).

Parece-nos, assim, que o perigo e a morte na Grande Guerra foram o primeiro impulsionador da religiosidade. Álvaro Rosas, combatente em Moçambique, questionava-se nas suas memórias: "Quando será que a humanidade há-de compreender as ideias fraternas de Cristo?" (Rosas, 1935: 199). Para ele, "é a fé que nos salva" (Rosas, 1935: 256). Em outra passagem relaciona o «sentido religioso da vida» com os sofrimentos vividos e sentidos: "A visão encadeada de tantas dores não embota a faculdade de as sentir, depura-a de egoísmos e paixões mesquinhas, dando-nos o sentido religioso da vida" (Rosas, 1935: 271).

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

Mas devemos ter em conta que esta religiosidade não é inteiramente voluntária, antes pelo contrário. A morte tem a capacidade de deixar todo e qualquer homem completamente indefeso, desorientado, sem qualquer argumentação perante o vazio que provoca, sem qualquer resposta às questões que ela própria lança. Talvez por isso, ao colocar todos os homens no mesmo patamar – lembremo-nos que «a morte ri-se do berço e da fortuna» – e tendo em conta que tanto eram apanhados por ela os que estavam na linha da frente como os que se julgavam ingenuamente protegidos dela na retaguarda, a morte e com ela o sofrimento foram despertando ora o sentimento de necessidade de Deus (um Deus que na Flandres parecia estar ali tão perto representado pelo seu Filho crucificado) ora, paradoxalmente, o sentimento de abandono por parte desse mesmo Deus fosse na Flandres, fosse, sobretudo, nas campanhas de África.

A fé que emerge da guerra: a importância dos capelães e das cerimónias religiosas

O medo, a morte e o sofrimento não foram os únicos fatores decisivos a aproximar os combatentes da religiosidade. Tenhamos em conta a presença dos capelães no exercício das suas funções, sobretudo nos hospitais de campanha, onde acompanhavam os feridos e onde lhes ministravam os últimos sacramentos. Além desta função primordial mencionada nas memórias dos jovens médicos Jaime Cortesão (a servir na Flandres) e Pires de Lima (a servir em Moçambique), os sacerdotes tinham também uma forte influência junto dos soldados pela via da confissão, da eucaristia e dos tempos livres que passavam a conviver com eles. Se, nos primeiros tempos da guerra na Flandres, sabemos que eram poucas as unidades que sem receio assistiam aos atos de culto, verificamos que, à medida que vários incidentes foram acontecendo, se começou a assistir a uma maior assiduidade por parte dos combatentes às cerimónias religiosas.

Segundo o estudo de Maria Lúcia de Brito Moura (Moura, 2010), parece que a assistência a estes atos de culto foi crescendo durante o conflito, embora seja preciso salientar que a afluência dependia em grande parte da partida eminente para as trincheiras. Por outras palavras, grande parte dos combatentes confessava-se e ia à missa quando sabia que ia partir para a linha da frente. Não fossem as coisas correr mal, era mais garantido (pensariam alguns) praticar esses atos. Aqui convém levantar duas questões. Nos casos a

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

que isto se aplica, estaremos perante um ato supersticioso ou de fé? Ou será uma mistura dos dois, se é que isso é possível?

Devemos, por isso, olhar para as vivências de fé experimentadas na guerra em vários sentidos, tendo consciência de que os indivíduos não viveram essas experiências da mesma forma. Enquanto para uns a assistência a uma missa campal pouco mais era do que um ato que alimentava uma ideia supersticiosa, para outros existia algum motivo e sentimento mais profundo. Neste sentido, convém recordar as palavras de José Vicente da Silva:

> O serviço das trincheiras nem sempre me deixava livres as manhãs dos domingos para poder ir à Missa. No entanto, todas as vezes que o podia fazer, não deixava de assistir a ela. Além de ser uma variante e um derivativo à monotonia esmagadora de todos os dias, a assistência à Missa dava um certo conforto espiritual e novas energias para a luta que não cessa (Silva, 1991: 64).

A religiosidade aparece-nos, assim, como algo diferente, que rompe com o dia-a-dia monótono e que se veio a tornar, para este autor e para tantos outros, um momento de conforto e renascimento. Não é o único a ter tal opinião. Augusto Casimiro em março de 1917 escrevia à sua mãe uma carta onde dizia:

> Saíram agora do meu quarto o médico e o capelão. No domingo teremos já missa na velha igreja que um cemitério cerca. E nesta boa, fraterna comunidade de crenças diversas dentro da grande Fé, passamos horas admiráveis de aconchego... [...] Porque então será mais perto de nós – o Céu (Casimiro, 1918: 42).

Já em terras de África, embora este tipo de relatos seja raro, ficamos a saber através das memórias de Júlio Gonçalves que as tropas portuguesas que compunham a primeira expedição ao sul de Angola (1914-1915), apesar de não terem a presença de um capelão que as acompanhasse, beneficiaram da assistência religiosa, médica e diplomática proporcionada pelos padres de uma missão francesa na região, onde se «fazia de tudo com a ajuda de Nosso Senhor». Júlio Gonçalves conta-nos como ficou espantado ao ver a missão:

> Não era um sonho mas valia bem por um milagre o espetáculo que me empolgava e confundia: um milagre estas oficinas e escolas, canteiros floridos e terras de

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

> semeadura, ermida com santinhos entre fumos de incenso e harmonias de música sacra; um autêntico milagre (Gonçalves, 1926: 57).

O oficial Carlos Olavo, tendo sido feito prisioneiro na Flandres, e após ter sido encaminhado para um campo de prisioneiros na Alemanha, relata-nos uma cerimónia presidida por um padre alemão. A acreditar no seu relato, a missa terá sido muito pouco concorrida, tendo o dito padre "censurado o mau procedimento dos que faltavam e a pouca fé dos portugueses. […] No fim pediu 8 marcos para as despesas da viagem". Contudo, há que ter em conta as palavras do alferes Carrusca, um dos homens que se recusou a estar presente: "Esse homem é um padre, mas é também um alemão e, portanto, meu inimigo. Como tal tem de ser considerado por mim. Recuso-me ao mais pequeno entendimento ou contacto com ele" (Olavo, 1919: 125).

A par destes encontros entre combatentes portugueses e capelães estrangeiros, e das cerimónias eucarísticas por eles prestadas, é ainda possível deparar com outro tipo de encontros mais animados. Na Flandres chegou-se mesmo a festejar o S. João, onde, ao que parece, coube à banda de música da qual fazia parte o soldado Pedro de Freitas animar a festividade. Não foi, no entanto, a única festividade religiosa animada por esse grupo de músicos portugueses. O soldado participou igualmente nas festas religiosas da primeira comunhão das meninas de Aubigny-en-Artois, no dia 2 de junho de 1918, a pedido do padre francês que tinha convidado a banda de música a animar a cerimónia. Pouco tempo depois, o mesmo sacerdote veio a colaborar nas festas em homenagem aos portugueses, ocorridas no dia 13, dia de Santo António. O dito soldado, para quem todas as distrações espirituais eram necessárias, participou também num casamento no dia 9 de março de 1918, em Acq, no qual o sargento Jaime Augusto da Silva foi o músico responsável pelo órgão. Ao recordar esta experiência remata com amargura: "o órgão é acompanhado com a cantoria do padre e do sacristão que mais parecem dois bezerros a berrarem. Vozes desafinadas, roufenhas, estridentes, desarmónicas – uma vergonha" (Freitas, 1935: 301; 279; 323).

Exemplos de uma fé espontânea e individual

Além destas festividades, ocorreram mais frequentemente orações quase espontâneas. Era normal pequenos grupos de soldados juntarem-se nas capelas arruinadas

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

para rezarem o terço. No norte de Moçambique talvez não fosse tão frequente, mas sabemos que tal chegou a acontecer, já numa fase final da guerra, quando o Governo autorizou o envio de capelães para África.

Embora as celebrações que temos vindo a abordar tenham sido as que mais combatentes agregaram ao longo da guerra, algumas fontes permitem-nos chegar a uma dimensão religiosa mais discreta e pessoal. A este respeito as memórias de Carlos Selvagem e Augusto Casimiro são fundamentais, permitindo-nos estas últimas traçar o percurso religioso do autor ao longo de toda a guerra.

Comecemos por Carlos Selvagem. O memorialista, que começa por agradecer à Nossa Senhora dos Navegantes o facto de o navio em que seguia ter concluído de forma segura a viagem com destino a Moçambique, usa ao longo de toda a sua obra expressões como "louvado Deus", "*Glória in excelsis Deo…!*" (Selvagem, 1925: 113 e 139), entre outras. De facto, revela-se um crente nas horas de bonança: "fizemos ontem a travessia do Rovuma, e já esta noite, com a graça de Deus, dormimos em território inimigo". Ou: "louvado Deus, ainda não foi desta que o meu pelotão se tresmalhou" (Selvagem, 1925: 132 e 185). Mas a sua fé também parece ter permanecido nos momentos de maior aflição, como aqueles em que escrevia: "Bom Deus! Já não são só os alemães, os *askaris*, os tiros – são também os jacarés, as cobras, as feras!...". E, quanto à morte, sempre presente, o nosso autor apenas pedia à divindade que, se esse fosse o seu destino, lhe desse ao menos a graça de uma morte instantânea. Antes isso do que ficar a sofrer até ao último minuto: "E era isso o que eu fervorosamente pediria nas minhas orações, à Nossa Senhora, minha madrinha, se por ventura ainda soubesse rezar!..." (Selvagem, 1925: 189 e 192). Mas, no fundo, sempre com a esperança de que Deus o livrasse de maus encontros.

Ao que consta das suas memórias, Deus parecia ouvi-lo. Prova disso, conta-nos o autor, foi uma noite em território inimigo em que "toda a coluna dormira beatificamente, em formação de marcha, ao longo da estrada, sem uma sentinela, sem o menor cuidado, como se deve dormir na mão de Deus". Este episódio, como outras aventuras perigosas, levou Carlos Selvagem a escrever mais tarde: "E só então considerámos com assombro, a enormidade da aventura de que assim nos saíramos, por mercê de Deus, tão limpamente a salvo" (Selvagem, 1925: 199 e 209).

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

Para além de Carlos Selvagem, gostaríamos de destacar o jovem alferes Casimiro, um combatente da Flandres, também ele profundamente crente. À semelhança do seu camarada e cunhado Jaime Cortesão, começou por abraçar o projeto belicista do Governo de Afonso Costa. Na sua opinião, o país tinha a missão de combater a Alemanha tida como a nação maligna, chegando a afirmar que a vitória desse Império só seria possível não existindo Deus. Esse Deus em que Casimiro tanto acreditava está constantemente presente nos seus dois volumes de memórias. Mas não deixa de ser interessante verificar que, com o decorrer da guerra, algo vai mudando. Muda em certo sentido esse Deus; muda a própria fé de Casimiro, que de uma fé cheia de certezas e convicções se vê como que encostada contra uma parede nos momentos mais difíceis. Muda a perceção do mundo, embora esta se revele na fase final da sua obra ingénua e obviamente influenciada pela alegria proporcionada no calor da vitória. Façamos, pois, uma «viagem» pelo caminho religioso e espiritual percorrido de forma tão singular pelo então alferes. Comecemos por apresentar um dos seus primeiros textos, uma carta inserida nas suas memórias, onde o autor evidencia o seu estado de espírito e a sua alegria ao se sentir habitado pelo Deus em que crê:

> Quero sentir-me sempre assim, meu amor… Forte de uma força maior que a do nosso egoísmo, porque tem a altura da vida toda e vem de Deus […]. Tenho lágrimas nos olhos. O meu coração é cheio de tumulto, um generoso, impetuoso tumulto... Nunca, nunca senti Deus como agora, nem a minha alma respirou um ar mais puro e forte... De mim mesmo, como folhas secas, caem os preconceitos, as mentiras... Sinto-me fraterno, puro... Que ficará de tudo isto nas nossas almas? (Casimiro, 1918: 43).

Dado que se trata de uma carta, podemos perguntar-nos se estas belas palavras não se destinavam mais a despreocupar o destinatário do que a dizer a verdade. Mas, conhecendo a obra memorialística de Casimiro na sua totalidade, isto é, olhando para esta carta, mas conhecendo os outros momentos em que o autor fala do seu Deus e do que sente, somos levados a acreditar nas suas palavras, embora reconhecendo que possam ter (como, evidentemente, têm) a preocupação de não alertar aquela a quem esta se destina. E não se preocupará o jovem alferes com os riscos da guerra, com a incerteza que ela proporciona? Que lugar ocupa Deus nos momentos em que as dúvidas surgem? Onde está Ele, quando tudo parece desmoronar-se?

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

A resignação "seja o que Deus quiser" está presente na sua obra como na de muitos outros combatentes. Mas também está presente uma outra certeza: "Deus que me deu a fé não quis dar-me a auréola que convence, intima, reduz, iluminando os corações e as dúvidas...". E levanta uma questão: "Quando subirei à Montanha? [...] Creio na necessidade divina de todos os sacrifícios, estou pronto para todos" (Casimiro, 1918: 44). É certo que eles acabaram por chegar e provavelmente muito mais duros do que Casimiro poderia imaginar. Ao abandono da Pátria seguir-se-ia, ao que parece, o sentimento de abandono do próprio Deus. Entretanto, indiquemos que, em frente ao seu habitual abrigo, o abrigo da Nossa Senhora das Trincheiras (também frequentado por Humberto de Almeida, André Brun e Jaime Cortesão), estavam sepultados dois combatentes, um inglês com a Nossa Senhora junto da campa e provavelmente um alemão com uma cruz de madeira. Desse abrigo o nosso poeta Casimiro veio a escrever em junho de 1917 uma nova carta à sua mãe na qual escreveu: "Sei que, um momento ou outro, a morte pode vir buscar-me. Já a senti passar ao meu lado, tocar-me quase, procurando-me. […] Mas é tamanha a minha esperança, trago tanto nas minhas mãos erguidas a esperança de que sairei incólume…" (Casimiro, 1918: 60-61). E conclui a carta dizendo: "Se canto esta alegria […] religiosa e íntima, – é que, para lá de mim, a guiar-me, anda uma força divina, uma luz do céu que eu mal descubro, mal enxergo, e através dos meus erros, das minhas fraquezas, das cegueiras e ausências dos outros, me ampara e me sustém..." (Casimiro, 1918: 62).

Foi também naquele abrigo e nas tendas de campanha na retaguarda que o nosso autor rezou a *Oração Lusíada* e a *Oração das Trincheiras*. Noites passadas "em volta duma mesa tosca, – novos e velhos, capitães e alferes, rezamos…". Mais tarde, tendo a guerra já terminado, Casimiro volta a visitar o abrigo onde outrora passou noites belas. Assim recorda, ao ver a Nossa Senhora e as campas, as "cartas de amor, páginas piedosas, – [os] versos que iam de abrigo a abrigo, nas horas calmas, do meu comando à linha, de irmão a irmão" (Casimiro, 1920: 140 e 195).

Mas, embora as boas recordações sejam aquelas que mais se gosta de lembrar, houve também, como não poderia deixar de ser, horas tristes e difíceis. Ao entrar no abrigo, «a casa do silêncio» como lhe chamou, observa: "Era ali o meu catre, no canto […] À cabeceira escrevi um dia, Deus me perdoe…" (Casimiro, 1920: 196). E pela cabeça

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

do poeta passam as horas amargas da guerra, as horas em que as dúvidas da fé emergiram e em que esse Deus, outrora tão presente, pareceu ter-se ausentado, desaparecido.

Pelo que apurámos, essas inquietações foram ficando a descoberto à medida que a guerra se intensificava. A primeira metade do ano de 1918 foi a este respeito trágica para Casimiro. Escreveu pouco. A intensidade crescente dos bombardeamentos alemães, cada vez mais fortes e mais frequentes com o objetivo de desgastar as linhas aliadas, não lhe dava muito tempo para rezas e reflexões. A verdade é que nos poucos textos que foi escrevendo foram surgindo inquietações, pensando na destruição e morte que a guerra causava "E será tudo inútil meu Deus? Os dias correrão iguais depois de tudo isto, sobre a face do tempo sempre igual?". Ou ainda: "Somos Cristos desta guerra" (Casimiro, 1918: 116 e 119). E sobre um ataque eminente: "Nós duvidámos que Deus nos permitisse a honra de o esperar, de o aguentar ali… Tão desamparados andávamos então!...". Em certos momentos, uma tristeza sombria caía sobre os acampamentos lusos da Flandres e sobre o próprio poeta. Nesses dias, concluía o autor: "Deus mostra-se aos homens somente em certos dias de sol" (Casimiro, 1920: 65 e 84-85). Sol esse que lhe parecia ter sido tirado por causa dos "pecados de Portugal": "Que calvários rudes nos faz Deus subir" e "penso porque Deus o quer…" (Casimiro, 1920: 92 e 93).

O «abandono de Deus» e o seu posterior reaparecimento

Casimiro não era, porém, o único a passar por estas privações e a sentir a ausência da divindade. Muitos outros combatentes, sobretudo em terras de África, passaram momentos bem piores, não tendo nem a presença de um capelão (os capelães só começaram a partir para África na fase final da guerra) nem um único símbolo religioso comparável ao Cristo ou à Nossa Senhora das Trincheiras. Segundo Eduardo de Faria, expedicionário no norte de Moçambique, "o Cristo em Neuve-Chapelle chorava lágrimas de sangue [mas] em África não existia um Cristo que vertesse pranto pelos seus filhos. Existiam, só, duas cruzes, aquelas duas que ladeavam o Redentor no alto do calvário [as cruzes dos ladrões]" (Faria, 1931: 144). Por detrás deste desabafo esconde-se uma crítica, a do abandono, seja por parte de Deus seja sobretudo por parte dos Homens. Reflete, por

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

isso, a convicção de muitos combatentes de que a guerra em África era menos relevante para o país e muitas vezes até desprezada.

É ainda nestas memórias que encontramos um outro episódio revelador do sentimento de abandono por parte da divindade. Desta vez é proferido pelo João – um dos seus soldados – em pleno dia de Natal de 1918, tendo a guerra já terminado. Quando questionado por Eduardo de Faria sobre o motivo que o levava a chorar no dia em que "faz anos que nasceu Jesus", o jovem soldado respondia: "Bem se importa Ele com essas coisas, rematou com amargura. Parece que no céu ainda não sabem que existe a África" (Faria, 1931: 76-78).

Mas, se este episódio ocorreu já após o armistício, convém recuarmos aos primeiros anos da guerra em África. Desta vez, no sul de Angola. Também aí encontramos o sentimento de desespero e abandono. O soldado Lapas de Gusmão deixa transparecer nas suas memórias o sentimento de abandono de Deus: "Só, desamparado de Deus e do mundo". Chega mesmo a dizer: "Quantas vezes, no meu desespero, increpei o destino, a má sorte e a Divindade impassível, perguntando a mim próprio se a caminhada triste do Cristo com a cruz às costas para o calvário, teria sido mais dolorosa do que aquela que nós estávamos realizando, sem a ajuda de um piedoso cireneu!" (Faria, 1931: 247-178). Já Ernesto Moreira dos Santos, soldado da primeira expedição ao sul de Angola, é outro dos militares que se depara com momentos dolorosos em que chega a pedir que Deus o leve:

> Que noites e que dias aqueles! Torturas tamanhas, […] revolta constante. […] Sem esperança nenhuma já, abandonei-me, não me importava com os ferimentos, tornei-me descrente de tudo. Julguei achado o momento psicológico em que vemos tudo a desmoronar-se à nossa volta e era nesse momento que pedia a Deus [que] me levasse (Santos, 1957: 83).

Vemos, assim, como o sofrimento causado pela guerra gerou uma turbulência de questões capaz de abalar a fé dos homens. Mas convém ter presente que esta é apenas uma face da mesma moeda. Pois, se para uns a guerra provocou um abalar das suas convicções religiosas, ou até mesmo um romper definitivo, paradoxalmente, para outros combatentes provocou uma maior aproximação ao Divino e uma maior vivência religiosa. Tivemos a oportunidade de ver, no início deste artigo, como os primeiros perigos, os

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

primeiros mortos e as primeiras amarguras provocadas pela guerra foram um dos fatores mais determinantes que influenciaram a religiosidade no início da guerra. Há que ter em conta, contudo, que, nesses primeiros tempos, a religiosidade era ainda vivida de forma marginal e por um restrito número de indivíduos. O dia-a-dia na guerra contribuiu para alargar a vivência religiosa a um número cada vez maior de homens. Um dos relatos do capitão André Brun sobre a batalha de La Lys em que o autor observa às três da manhã um grupo de soldados recém-saídos da trincheira numa capelinha abandonada a rezarem de joelhos na lama é uma prova disso mesmo.

Ao longo desses dias, "mais cruzes se ergueram, humildes, nas planícies da Flandres. A tua grande cruz, ó meu sonho lusitano e ardente […] começou a erguer-se em cada coração vivo, sobre calvários sombrios da nossa raiva de filhos desamparados e órfãos...", escreveu Casimiro, para depois concluir: "Ah! como são vazios, nulos, irreais esses dias sem alma!..." (Casimiro, 1920: 82-83). O CEP foi definitivamente apagado do mapa após a batalha, o que aprofundou a dor e o desgosto de muitos combatentes. Casimiro passava por essa altura a sua fase mais aguda de sofrimento. Completamente desmoralizado experimentava agora o vazio e a desorientação, todas as suas ilusões tinham caído, folha por folha. Cremos que o estado de espírito do poeta fosse por esses dias, semanas ou até meses aquele ao qual os teólogos e os místicos definem como «aridez espiritual», isto é, um tempo percorrido sem sentido, sem a mínima vontade de orar, um tempo profundamente árido em todos os aspetos e onde Deus se revela não existindo. Após este percurso, onde a fé de Casimiro pareceu ter desaparecido do plano principal, tendo-se tornado menos importante, ela retornou ao fim de algum tempo. E não deixa de ser curioso que uma das personagens mais importantes neste «renascer espiritual» de Casimiro tenha sido uma figura controversa. Alguém que se definia como não sabendo se era um crente, um descrente ou um desorientado. Um homem que confessava abertamente o motivo pelo qual abandonou a fé e a Igreja, tantas vezes, no seu entender, hipócrita e mesquinha. Esse homem foi o já referido capitão Amaral, veterano das guerras de África e uma das figuras mais carismáticas do CEP. Foi ele que, num desses dias em que as tropas portuguesas derrotadas se limitavam a trabalhar na retaguarda, disse a Casimiro: «– Poeta, desce da trapeira!», como quem traz uma boa nova de esperança. "Havia ainda uma hora, um esforço a tentar, um baluarte a erguer. À flor do grande

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

naufrágio, emergiam possibilidades formosas". Serão de resto estes oficiais, "um poeta e um doido!... Dois doidos!" (Casimiro, 1920: 121-126 e 135) – como conta alegremente o jovem alferes – dois dos grandes responsáveis pela reorganização do que restava do CEP em terras da Flandres. Os portugueses conseguiram, assim, nos últimos meses de guerra, organizar dois batalhões de voluntários com o objetivo de voltar à linha da frente, participando na ofensiva aliada eminente. O batalhão 15, comandado por Ferreira do Amaral, e o 23, onde servia Augusto Casimiro, tendo este último participado na reconquista da cidade de Lille e, posteriormente, apoiado as forças aliadas que, pouco depois, rompiam pela fronteira belga, libertando várias cidades até aí ocupadas por forças alemãs.

Mas voltemos à fé de Casimiro. A sua infinita «sede de Deus» e a dos outros homens e mulheres e inclusive de todas as nações, considerava ele, iria ser saciada: "Porque o verdadeiro amor vem de Deus, anda sozinho sobre a terra [embora] a maior parte das almas […] [tenha esquecido] no berço a divina Arte do Absoluto Amor". Embora as questões que o turbilhão da guerra revolveu e fez emergir, abalando os alicerces da crença do poeta, provocassem marcas profundas na vida espiritual deste crente, foi novamente no silêncio do seu quarto que encontrou e fortaleceu a sua fé, daí retirando as forças necessárias que, dia após dia, o fariam renascer. Isto sem contar com as horas sem dormir nas noites em que atirou contra o inimigo sem saber ao certo se tinha posto fim à vida de um filho de Deus, seu irmão. Passada essa angústia: "Esqueço as minhas misérias. […] Renasço. Vivo. E Ela, a Senhora das Dores, com o meu filho no regaço puro, sorri e chora, perdoa... Assim foram os soluços, num choro desfeito, que me embalaram, que me adormeceram, na primeira noite da Paz" (Casimiro, 1920: 106; 166-167; e 167-168).

Terminada a guerra, o poeta voltou a visitar o Cristo das Trincheiras, a Nossa Senhora, o seu antigo abrigo, como já referimos. José Vicente da Silva também o fez. Manuel António Correia e alguns dos seus camaradas aproveitaram para tirar uma fotografia de grupo junto do crucifixo, miraculosamente intacto, ainda que um pouco inclinado. Não foram os únicos. Em setembro de 1918, antes mesmo de a guerra ter terminado, numa altura em que as forças aliadas tinham já avançado territorialmente na região e em que o setor de Neuve-Chapelle completamente arrasado vivia os primeiros

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

silêncios de uma paz cada vez mais próxima, Humberto de Almeida visitou aquele mesmo local, verificando com emoção "que o santo lenho ali continuava, só mais inclinado […] talvez porque naquele campo houvesse aumentado o número de mortos, e ele num rasgo de amor se tivesse inclinado para melhor poder abençoar" (Almeida, 1919: 31).

Considerações finais

Ao longo do presente artigo procurámos traçar uma nova perspetiva sobre a participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial. Munindo-nos de um conjunto de fontes específicas como as memórias de guerra e ainda alguns diários e crónicas, procurámos levar por diante uma análise histórica sensível ao mundo quotidiano e sentimental dos combatentes, que revelasse o significado das experiências de fé vividas na guerra.

Aos poucos, fomo-nos apercebendo de que o quotidiano da guerra foi moldando a religiosidade dos combatentes. Assumimos a fé vivida em comunidade e a fé vivida na intimidade de cada homem como duas abordagens importantes sobre a religiosidade dos crentes, vindo a ser integradas na reflexão mais extensa sobre o tema. Foi, contudo, na colocação de questões: «em que Deus acreditas?» e «como vives a tua fé?» feitas a cada fonte em particular que fomos traçando um novo caminho.

Podemos, deste modo, concluir que a fé, ao passar pela experiência da guerra, foi seriamente abalada em alguns casos. Mas tal não significou um puro e simples abandono da crença religiosa. Se é certo que houve casos em que parece ter sido esse o resultado, a verdade é que em alguns combatentes esse abalo significou um novo renascer e uma maior consciência da realidade. Foi dessa realidade sedenta de sentido que emergiu, após um fecundo vazio espiritual, uma nova fé transfigurada pelas lágrimas de cada homem e fecundada pelas dores do mundo. Dessa nova sensibilidade nasceu uma nova esperança. O caso de Augusto Casimiro parece-nos ser um exemplo claro do que acabamos de afirmar. Esse «esvaziamento espiritual» fez emergir inúmeras questões que foram transformando a fé de Casimiro numa fé pequenina, «como um grão de mostarda».

A guerra, fosse ela travada na Flandres ou em África, deixou marcas profundas nas convicções dos homens. Aqueles que achavam ter uma fé absoluta em Deus viram-na seriamente abalada e reconfigurada. Por detrás desta mudança de relação com o divino

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

vislumbra-se uma profunda mudança de mentalidades, acelerada e aprofundada pela experiência de uma guerra capaz de pôr o homem em relação consigo mesmo. O combatente que olha para a campa onde passou a repousar o camarada com quem horas antes «conversou e riu» é o mesmo homem que, ao olhar a terra enlameada ou o rosto cinzento de um outro camarada, vê a sua própria miséria. O outro é um espelho do «eu mesmo». Um «eu» perdido à procura de um sentido. Terá sido encontrado? Ou será que permaneceu como eterno caminho inacabado? Alguns combatentes talvez tenham caminhado em direção àquele Cristo intacto de braços estendidos, como a pedir um abraço, achando nele o que procuravam. Outros, porém, é mais certo que se tenham dirigido noutra direção. No final de contas, não foram assim tão diferentes. A guerra ensinou-lhes a arte de caminhar em silêncio sobre a terra enlameada e a tocar os instantes cheios de nada.

Bibliografia:

Fontes:

Memórias da Flandres:

ALMEIDA, Humberto de (1919), *Memórias de um expedicionário a França (com a 2º brigada de infantaria) 1917-1918*, Porto, Tipografia Sequeira.

AMARAL, J. Ferreira do (1922), *A Mentira da Flandres e o Medo*, Lisboa, J. Rodrigues & Cª.

BRUN, André (1983), *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra 1917-1918*, Barcelos, Companhia Editora do Minho.

CASIMIRO, Augusto (1920), *Calvários da Flandres*, Porto, Renascença Portuguesa.

CASIMIRO, Augusto (1918), *Nas Trincheiras da Flandres (1917)*, Porto, Renascença Portuguesa.

CORTESÃO, Jaime (1917), *Memórias da Grande Guerra*, Lisboa, Portugália Editora.

FREITAS, Pedro de (1935), *As minhas recordações da Grande Guerra*, Lisboa, Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

MALHEIRO, Alexandre (1919), *Da Flandres ao Hanover e Meclenburg*, Porto, Renascença Portuguesa.

MORAIS, Pina de (1919), *Ao Parapeito*, Porto, Renascença Portuguesa.

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

MORAIS, Pina de (1921), *O Soldado Saudade na Grande Guerra*, Porto, Renascença Portuguesa.

OLAVO, Carlos (1919), *Jornal d'um prisioneiro de guerra na Alemanha (1918)* Lisboa, Guimarães Editores.

SILVA, Vicente José da (1991), *A Guerra de 14 Memórias de um Combatente*, S. l., Edições Boa Nova.

Memórias de África:

CÉRTIMA, António (1924), *Epopeia Maldita (o drama da Guerra em África)*, Lisboa, Portugal-Brasil.

CÉRTIMA, António de (1925), *Legenda dolorosa do soldado desconhecido de África*, Lisboa, Tipografia de Luiz Beleza.

FARIA, Eduardo de (1931), *Expedicionários*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes.

GONÇALVES, Júlio (1926), *Sul de Angola e o Quadrado da Môngua na Epopeia Nacional de África: Notas dum expedicionário de 1914 a 1915*, Lisboa, J. Rodrigues.

GUSMÃO, Lapas de (1935), *A Guerra do Sertão (Sul de Angola)*, Lisboa, Imprensa Nacional de Publicidade.

LIMA, Américo Pires de (1933), *Na Costa de África: Memórias de um médico expedicionário a Moçambique*, Gaia, Edições Pátria.

SANTOS, Ernesto Moreira dos (1957), *Combate de Naulila seus heróis e seus inimigos*, Guimarães.

SELVAGEM, Carlos (1925), *Tropa de África: Jornal de Campanha de um Voluntário ao Niassa*, Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand.

ROSAS, Álvaro (1935), *Terras Negras (Impressões duma Campanha)*, Porto, Imprensa Gráfica do Porto.

Luís Miguel Silva - A fé em tempos de guerra: A experiência religiosa dos combatentes portugueses na Primeira Guerra Mundial - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 197-220. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a10

Estudos:

AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos (2010), *Portugal e a Grande Guerra: 1914-1918*, Matosinhos, Quidnovi.

ARRIFES, Marco Fortunato (2004), *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa: Angola e Moçambique (1914-1918)*, Lisboa, Edições Cosmos Instituto da Defesa Nacional.

HASTINGS, Max (2014), *Catástrofe 1914: A Europa vai à Guerra*, Amadora, Vogais.

KEEGAN, John (2014), *A Primeira Guerra Mundial*, Lisboa, Porto Editora.

MARQUES, Isabel Pestana (2008), *Das Trincheiras com saudade: A vida quotidiana dos portugueses na Primeira Guerra Mundial*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

MARQUES, Isabel Pestana (2004), "1914-1918. 'Comportamentos de Guerra'" in *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 5, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, pp. 99-135.

MOURA, Maria Lúcia de Brito (2010), *A «Guerra Religiosa» na I República*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.

MOURA, Maria Lúcia de Brito (2010), *Nas Trincheiras da Flandres: Com Deus ou sem Deus, eis a Questão*, Lisboa, Edições Colibri.

TEIXEIRA, Nuno Severiano (2004), "Portugal e a Grande Guerra" in *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 4, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, pp. 14-34.